



NA LUZ A VERDADE

FAROL

FEVEREIRO 1990

VOZ DA COMUNIDADE CABOVERDEANA NOS E.U.A.

VOLUME 2 NUMERO 2

DOR MAGOA

Sofro e escrevo. Que mar de infelicidade
Banhou o meu destino na hora em que nasci
Se tinha de ser esta a minha mocidade
Porque ao vir à luz, meu Deus, eu não morri?

Não sofreria a vida que meu pai hoje invade
Não sofreria a vida que tão grande que perdi
Não me cobria a vida o prazer por ti
Vertido eternamente, eu não morri por ti.

De olhos fitos no céu sempre procurando
A tua doce imagem, ou então recordando
Os poucos momentos que junto a ti passei.

Rodrigo Peres

THE SECRET
OF SUCCESS
IN LIFE
IS FOR A PERSON
TO BE READY
WHEN HIS OPPORTUNITY
COMES.

DISRAELI

*"There will be no better world,
no better arrangement of social life,
unless preference is first given
to the values of human spirit".*

(AAS 71[1979] 253-254)

OPINIÃO

*Só quem tem olhos pode ver,
Só quem tem ouvidos pode ouvir
E, só quem tem pescoço o pode esticar.*

Proverbio

Não é que a escrita seja o meu forte, mas aqui está uma bonita ideia que me faz acreditar muito nesta nossa querida revista "O FAROL".

É tempo de acreditarmos que todos nós temos olhos para ver, ouvidos para ouvir e que somos capazes de esticar o pescoço.

Amigo, este é o nosso "FAROL", ele está ao dispor de todos, lê-o, escreve-o, critica-o. Diz daquilo que possas saber e que achas importante para a nossa comunidade.

Participa.



OPINIÃO 2

EDITORIAL 4

O PAPA EM CABO VERDE 5

O PROBLEMA DA IMIGRAÇÃO 6

CIDADE DA PRAIA 6

WHAT IS ETHNICITY 7

NÓS OS CABOVERDEANOS 8

EM JEITO DE HOMENAGEM A RODRIGO PERES 9

THE CHALLENGE AHEAD 11

MY IMAGINATION 12

ENTREVISTA COM RODRIGO PERES 13

O SABER NÃO OCUPA LUGAR 14

O MUNDO EM NOTÍCIAS 15

**COLABORADORES
DESTE NÚMERO**

PADRE PIO
MIGUEL BARROS
VUCA PINHEIRO
ONDINA FERREIRA
BENJAMIN SILVA, JR.
CAJUCA

CORRESPONDENTES

JOÃO MARTINS (CABO VERDE)

COMPOSIÇÃO

VUCA PINHEIRO
HELDER VARELA
JOSÉ PINHEIRO

IMPRESSÃO

COPY MASTERS INC.
50 CONSTITUTION DR
MYLES STANDISH INDUSTRIAL PARK
TAUNTON, MASS. 02780

ASSINATURA ANUAL

NORMAL \$ 10.00
AMIGOS \$ 15.00
BENFEITORES \$ ---

DIRECTOR: PADRE PIO

CORPO REDACTORIAL:

PADRE PIO - FERNANDO PERES - VUCA PINHEIRO - GUILHERME LIMA - CAJUCA - ELIAS
SOUSA - MIGUEL A. BARROS - HELDER VARELA - JOSÉ PINHEIRO - FRANCISCO LEITÃO -
GABRIEL LEITÃO - JOHN LEITE - BENVINDO LEITÃO - JOÃO MARTINS

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

CAPA:

A capa, que é dedicada pelo Cajuca a Rodrigo Peres, associa o poeta e compositor à sua poesia.

O poema nela contido é dedicado a todos aqueles que tiveram a triste desventura de perder uma pessoa amada.

Editorial

O "FAROL" nasceu há dez anos e renasceu há dois meses, pela boa vontade e entusiasmo de alguns jovens (e menos jovens) caboverdeanos, com uma finalidade bem clara: servir de "Farol", de ponto de encontro, de unidade para todos os Caboverdeanos espalhados nesta América e, porque não, para com os Caboverdeanos da Mãe-Pátria e do resto do mundo.

Esperamos que a queda do "Muro de Berlim" não seja somente a queda de uma ideologia, de ditaduras e tiranias, mas um sinal de início da queda dos nossos egoísmos, do apego exasperado às nossas ideias e de tudo o demais que nos divide e separa.

Pensando na nossa Comunidade Caboverdeana, podemos verificar quanta riqueza de valores ela possui. Antes de tudo, a nossa gente honesta, silenciosa, trabalhadora que tanto contribuiu e contribue no crescimento desta América de todos. No meio destes trabalhadores inteligentes e honestos, podemos destacar um bom número de profissionais em todos os campos - medicina, indústria, comércio - com uma referência especial aos profissionais da "Educação" nas Escolas Primárias, Liceus e Universidades. No nº 1 da nova Série o "Farol" já tem feito referência aos diferentes meios de comunicação que floresceram e florescem no nosso meio: programas radiofônicos, televisivos, jornais, revistas, boletins etc (e aqui vai um pedido de desculpas por não termos mencionado no primeiro número todos esses órgãos de informação, tarefa um tanto ou quanto impossível). Hoje podemos apresentar um elenco, embora incompleto mas elucidador da vida caboverdeana nos Estados Unidos, de Associações e Clubes começando com "A CAPE VERDEAN COMMUNITY HOUSE" de Roxbury, agora

defunta mas com perspectivas de ressuscitar com novo espírito e continuando com: "IDEAL CLUB" de Bridgewater, "ASSOCIAÇÃO CABOVERDEANA" de Boston, "CAPE VERDEAN AMERICAN ASSOCIATION" de Brockton, "CAPE VERDEAN VETS" de New Bedford, "HELPC.V." de Boston, "CLUB SANTIAGO" de Norwich, Conn, "CAPITOL CAPEVERDEAN" de Sacramento, Califórnia, "CLUBE CABOVERDEANO" de East Providence, "ASSOCIAÇÃO CULTURAL CABOVERDEANA" de Pawtucket, "CLUBE MANTENHA" de Providence e tantos outros. Não podemos esquecer as paróquias e Igrejas que são o coração da vida espiritual e social de milhares de crentes Caboverdeanos como: St. PATRICK em Boston, IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA em Pawtucket, SANTA MARGARET em Brockton, SANTA MARIA DA NATIVIDADE em Scituate, NOSSA SENHORA DA ASSUMPTÃO em New Bedford com as suas florescentes Associações religiosas de Nossa Senhora de Fátima, São João Baptista e do Espírito Santo; e as Igrejas Nazarenas de Quincy, Cumberland, New Bedford e a Igreja Adventista do 7º Dia de Brockton.

Se se conseguir unificar num espírito de fraternidade e cooperação toda esta riqueza, sem prejuízo da autonomia de cada um, a nossa Comunidade tornar-se-ia mais forte, mais coesa, mais capaz de enfrentar os muitos e difíceis problemas de cada dia e pronta a colaborar com as outras comunidades de raças e etnias diferentes para uma América e um mundo melhor.

O "Farol", aberto à colaboração de todos, quer ser uma pedra nesta nova construção.

PADRE PIO

O PAPA EM CABO VERDE



Na manhã do dia 25 de Janeiro, festividade do apóstolo Paulo, o evangelizador das gentes, teve início a 45ª Viagem Apostólica do Santo Padre levando-o pela sexta vez, ao Continente Africano. A primeira etapa era Cabo Verde, e por isso, os fiéis da Ilha do Sal, onde se encontra o aeroporto internacional, foram os primeiros a saudar o novo "Evangelizador" do mundo, recebendo com entusiasmo e carinho o Pastor da Igreja universal.

Por volta das 15 horas o avião pontifício, um Airbus da Alitalia, aterrou no solo cabo-verdiano, e em seguida o Santo Padre recebeu as homenagens do Representante do Governo, do Chefe do Protocolo, do Pró-Núncio Apostólico, D. António Maria Veglió, e do Bispo de Cabo Verde, D. Paulino do Livramento Évora. Encontrava-se também presente no aeroporto "Amílcar Cabral" grande número de fiéis da Ilha do Sal e de outras ilhas mais vizinhas.

Nesta ocasião, o Santo Padre agradeceu esta primeira demonstração de carinho.

Do aeroporto internacional "Amílcar Cabral", o Santo Padre transferiu-se para o aeroporto da cidade da Praia, capital do País, servindo-se de um avião "Brasília" dos Transportes Aéreos de Cabo Verde.

Por volta das 17 horas do dia 25 de

Janeiro, realizou-se no aeroporto "Francisco Mendes" da Praia a cerimónia de acolhimento oficial do Papa. Ao descer do avião, o Santo Padre beijou o solo cabo-verdiano, como gesto de simpatia pela terra que o acolhia. Após os cumprimentos do Presidente da República, Sua Excelência o senhor Aristides Pereira, que se fazia acompanhar pela Ex.ma esposa, João Paulo II re-



cebeu as honras militares e foi saudado pelos hinos pontifício e nacional.

Encontravam-se presentes nesta cerimónia as Autoridades do Governo, os 12 membros do Corpo Diplomático, vários religiosos e religiosas, e grande número de cabo-verdianos, que demonstraram o seu

carinho para com o pastor da Igreja Universal.

Ao agradecer estas homenagens e, de modo especial, a saudação do Presidente da República, João Paulo II dirigiu a todos um discurso.

O primeiro encontro de carácter eclesial foi realizado na catedral da Praia, dedicada à Nossa Senhora da Graça. Estavam ali reunidos muitos sacerdotes, religiosos, seminaristas e leigos empenhados na pastoral, e coube ao Bispo diocesano dirigir ao Sumo Pontífice a saudação em nome de todos eles e da Diocese que recebia pela primeira vez tão ilustre visita.

Na manhã do dia 26 de Janeiro, por volta das 8 horas, o Santo Padre e o seu séquito transferiram-se, de avião, para a cidade de Mindelo situada na Ilha de São Vicente. Logo após a chegada ao aeroporto "São Pedro", João Paulo II dirigiu-se para o Estádio da Fontinha, na cidade de Mindelo, a fim de ali presidir à celebração da Palavra com os fiéis da Região.

No início do rito, D. Paulino do Livramento Évora saudou o Papa e procedeu-se ao acto penitencial, à oração a às leituras bíblicas. Em seguida, o Sumo Pontífice dirigiu a todos uma homilia.

Concluída a celebração da Palavra, o séquito pontifício retornou à cidade da Praia, realizando-se na residência episcopal o

almoço e um breve repouso.

A Missa oficial para os fiéis de Cabo Verde foi celebrada na tarde deste dia 26, na esplanada "Quebra Canela" à beira-mar. Coube ao Bispo diocesano, D. Paulino, dirigir ao Papa uma deferente saudação de homenagem em nome de todos.

A homilia da solene celebração presidida pelo Santo Padre, foi ouvida com toda a atenção por mais de 100.000 pessoas.

No final desta intensa jornada, que assinalou o segundo dia de permanência de João Paulo II em Cabo Verde, foi realizado no "Pavilhão dos Desportos" da Praia, o segundo encontro com a juventude caboverdiana. Após a breve saudação de D. Paulino, um jovem e uma jovem dirigiram também ao Papa palavras de homenagem, expressando a grande alegria dessa visita pontifícia e apresentando os seus anseios quanto a um futuro melhor. Foram então executadas alguns cânticos pela juventude, e em seguida o Santo Padre dirigiu a todos um discurso.

Na manhã do dia 27 de Janeiro os Cabo-verdianos despediram-se do Santo Padre, em tocante cerimónia realizada no aeroporto "Francisco Mendes" da Praia. Encontravam-se presentes o Presidente da República, com a sua Ex.ma Esposa, os membros do Governo e grande multidão de fiéis.

O PROBLEMA DA IMIGRAÇÃO

Da homilia que o Sumo Pontífice dirigiu aos presentes no estádio da Fontinha em São Vicente, extraímos o seguinte...

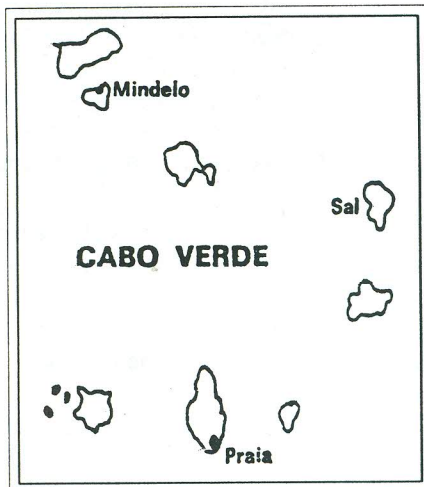
Conheço as dificuldades que se encontram, ao inserir-se nun novo ambiente social e de trabalho. Quantas vezes, somente a fé e a prática cristã constituem um ponto de referência e uma fonte de coragem, para não se perder a própria identidade, nessa fase delicada de transplantação cultural e social. Quem sabe, se muitos dos que aqui estão não fizeram já essa dura experiência de ter de deixar a sua terra?

Queria que os Cabo-Verdianos que se encontram noutros países e que, sem dúvida, acompanham, com interesse e fé, a visita do Bispo de Roma ao seu Arquipélago, soubessem que também o *Papa pensou* neles e aqui *rezou por eles*, bem conhecendo o sacrifício de terem de estar longe do que lhes é querido. E aqui deixo um *dúplice apelo*: em favor dos muitos cidadãos desta Nação emigrados, e a eles próprios.

Saistes daqui, amados irmãos e irmãs, consciente ou inconscientemente animados pelo ideal da fraternidade de todos os homens e com muita esperança. Oxalá que se realize a vossa esperança e possais encontrar essa fraternidade; e que todas as

instituições interpeladas pelo fenómeno da emigração empreendam tudo o que é justo e válido, no sentido de servir o homem emigrante, a fim de salvaguardar a sua dignidade pessoal e favorecer a sua participação, livre e reponsável, na vida comunitária e social, onde quer que se encontre.

E aos próprios, aos muitos Cabo-verdianos emigrados digo: ao grajearem o pão e buscarem a melhoria das condições de vida por longes terras, *nunca esqueçam* o seu torrão natal e a gente que aí habita: parentes, amigos, conhecidos e desconhecidos. Não se esqueçam dos que ficaram na pátria! Sejam fiéis às próprias raízes: *à sua cultura, à sua fé e às tradições e costumes sadios*. E procurem, com o seu modo de viver, dar testemunho das boas qualidades do Povo cabo-verdiano e dos valores cristãos. Estão presentes também eles, aqui e agora, enquanto professamos juntos a fé comum, em Jesus Cristo salvador. A todos, aos queridos emigrados e a vós *"a graça e a paz vos sejam dadas da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador"* (Tit. 1,4)



CIDADE DA PRAIA

Capital de Cabo Verde, está situada na Ilha de Santiago, uma das 10 ilhas que constituem todo o território nacional. A cidade conta 50.000 habitantes, ou seja, 7 por cento em relação à população de todo o País, que tem cerca de 360.000 habitantes. Deve registar-se, porém, que no estrangeiro vivem 400.000 Caboverdeanos, principalmente em Portugal, nos Estados Unidos da América, nos Países Baixos, na Itália, em Angola e no Senegal. A independência do País foi em 1975. A actividade predominante é a agricultura, mas a indústria e o comércio, desde há vários anos, começam a ter um desenvolvimento notável. A cidade da Praia é a sede da Diocese de Santiago de Cabo Verde, que compreende 330.000 católicos, guiados pastoralmente pelo Senhor Bispo D. Paulino do Livramento Évora, C.S.Sp., coadjuvado no serviço eclesial por 12 sacerdotes diocesanos, 36 sacerdotes religiosos, 5 religiosos não sacerdotes e 86 religiosas. A Diocese está imediatamente sujeita à Santa Sé e faz parte da Conferência Episcopal juntamente com o Senegal e a Mauritânia.

WHAT IS ETHNICITY

BY VUCA PINHEIRO

According to Fishman ethnicity "is an aspect of a collectivity's self-recognition as well as an aspect of its recognition in the eyes of outsiders".

Many other definitions could be listed here but all of them would emphasize the sharing of some learned standards for behavior, social ties by reference to common origins, memories of a shared historical past, shared cultural heritage, religious affiliation, language and dialect forms, tribal affiliation, etc.

In modern days ethnicity tends to be recognized as a means of interaction between different cultural groups and strategic positions of power within the structure of the society. As a result of this search for ways in which they can organize themselves politically, a special emphasis is put on traditional cultures and all an array of symbolic strategies which provide them with proper mechanisms for distinctiveness and political alignments.

Ethnicity should be understood from the biological aspect (paternity) and the cultural aspect (patrimony). Since language is both inherited and acquired, it intersects with ethnicity to the extent of defining and shaping a significant part of the "patrimony" aspect of ethnicity.

In certain historical moments ethnicity can remain dormant while in others it is reactivated. This reactivation is often a reaction against a serious outside threat such as war on the danger of becoming culturally extinct. Whenever there is a mobilization against an oppressive invader, the ethnicity often furnishes the base from which the ethnic group members will empower themselves against the invader.

When we talk about manifestations of ethnicity in U.S.A., we must think about the range of social situations through which certain groups express their ethnic identity and the degree to which

different ethnic categories share cultural standards.

These two types of cultural situations lead us to the definition of the "old" and the "new" ethnicity. We label the "old" ethnicity as "behavioral" ethnicity and the "new" ethnicity as "ideological" ethnicity.

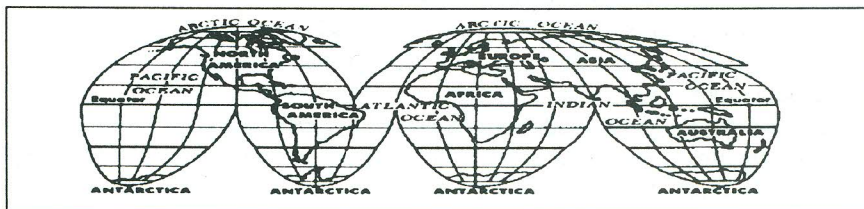
Behavioral ethnicity is the process of learning distinctive values, beliefs, behavioral norms, and languages or distinctive dialects by members of an ethnic category during the process of socialization. They use these cultural standards as their basic interaction manifestations. We

will be able to find behavioral ethnicity among first- and second-generation residents and ethnic minorities excluded from mainstream educational institutions.

These residents are represented by blacks, Hispanics, and Native Americans.

By ideological ethnicity we can categorize some customs not necessarily learned from early socialization. These customs need not to be crucial to a person's social life. They may be represented by symbols from the earlier immigrant subculture or "marks of identity". This type of behavioral is likely to be found in groups whose ancestry embrace a number of different ethnic backgrounds and therefore can choose to identify themselves with one or another collectivity by exhibiting suitable peculiarities of a certain ethnic background and showing up at pertinent celebrations. These so called "invisible organizations" manifest their ideological ethnicity especially in food preferences, celebrations of certain holidays, or use of certain dialectical words or phrases from an ancestral language when they speak English.

Behavioral and ideological ethnicity need not be mutually exclusive. They may be present at a certain level in different ethnic groups.



Nós, os caboverdeanos...

Vem sendo mais do que comum o ouvir-se falar da ausência de unidade entre nós, oriundos daquelas distantes e saudosas ilhas que, no seu todo, constituem o nosso querido Cabo Verde.

Saudosistas ou não, por vezes o sentimento impera e lá estamos nós empreendendo a tal viagem espiritual de regresso à terra berço. E, então, despidos de arrogâncias ou tolas veleidades, encontramos-nos caboverdeanos, já que a nossa origem, por demais vincada, é difícil de ser posta em causa.

Por razões de ordens várias, sociais, económicas e até políticas houve e há períodos em que tentamos furtar-nos à origem, dizemos que por mera questão de sobrevivência. O fenómeno, contudo, não é exclusivo nosso, pois verifica-se aqui e além entre outras imigrações.

Antes da independência de Cabo Verde, orgulhava-se o patricio, de dizer que ele era português, o que, para o tempo e para a história podia até não ser menos verdade. Também, receando ser vítima da discriminação/racismo, optava por continente diferente e porque a geografia é o que menos conta neste país, Cabo Verde passaria a ser uma extensão territorial do continente português ou mesmo das ilhas atlânticas. No verão quente que se seguiu a proclamação da independência e por causa do partido que subiu ao poder, um mixto de política barata e oportunista confundiu o conterrâneo a ponto de trazer à tona os que dantes preferiam passar por povo diferente e aqueles que, atabalhoadamente, queriam, então, sentir-se e mostrar-se caboverdeanos.

O que se seguiu, nós todos o sabemos,

e só o tempo se encarregou de revelar o verdadeiro sentido dos factos passados e a sua aceitação como acto consumado e normal na história da humanidade. E assim é que hoje não se ousa pôr em causa nem a independência e nem o regime a que foi confiada, pese embora as características sócio-políticas do mesmo, aliás não estranhas a partidos que se intitulam de libertadores.

Posto isso, mediante uma real situação histórica, onde estamos nós? Que é da nossa definição étnico/social? Que temos feito? Muito pouco ou nada: eis a crua verdade. Encolhidos na nossa habitual concha de conformismo mórbido, continuamos aceitando tudo quanto se passa ao nosso redor com a passividade que nos é peculiar e, desfrutando por vezes de relativo desafogo económico, limitamo-nos a assistir ao desfilar da banda.

Absolutamente grave para a nossa comunidade, para as nossas aspirações essa falta de participação social. O continuarmos na sinfonia “casa / trabalho”, “trabalho / casa” é sem nos aprendemos a vadiar rumo a nossa inserção no meio que vivemos, a nossa exemplaridade de verdadeiro filho da terra ficará muito aquém do que nos é exigido. E o porquê de toda essa nossa inacção? Esse conformismo? A ausência de agressividade? O não nos indentificarmos ou mostrarmos a outrem? A resposta, ei-la: CRISE DE IDENTIDADE.

É o mal que nos devora e que, teimosamente, nos arrasta e nos afasta do lugar que, por direito, nos é reservado na complexa e estranha sociedade a que ora pertencemos. As vicissitudes por que passamos e a nossa estagnação politico-social devem-se a nós próprios. No dia em que, alto e bom som,

despidos de arcaicos conceitos e com os pés fincados na terra firme, nos identificarmos como o povo que somos, então sim, muitas portas se nos abrirão e será esta para nós a terra de oportunidades mil e um espaço que conquistamos para os que se nos seguirão.

O nosso orgulho em sermos hoje naturais de uma Pátria livre seria mais do que suficiente de, sem os titubeios de antigamente, e sem que ninguém nos venha à pele, dizemos quem somos, donde viemos e entrarmos no combóio que nos transportará a todos e nos deixará na estação da nossa escolha. Então, virá a unidade e aparecerá mais um grupo étnico a que se tem de dar ouvidos e considerar, nós os Caboverdeanos.

A identificação que nos faça sentir e mostrar o povo especial que somos, diferente dos outros, porquê caboverdeanos. É a partir daí que podemos, então, ir à busca de interesses próprios que nos servem e à nossa comunidade, vincando a nossa condição de grupo étnico definido.

Nada impede que com o nosso certificado próprio venhamos a unir a outros grupos, fortalecendo, sempre que necessário, determinadas aspirações legítimas e comuns.

É vasto o horizonte que nos cerca e por força temos de olvidar as limitações de toda a ordem a que éramos imposto na terra de origem e tirar proveito do que nos é oferecido agora na parte do planeta que escolhemos habitar. Só assim terá razão de ser a nossa presença aqui e será conhecida, futuramente, a nossa acção junto da sociedade em que nos inserimos. O sacrifício será mais tarde compensado pelos frutos que dele advirão, pois com honra e orgulhosamente podemos intitular-nos de caboverdeanos.

MIGUEL BARROS

FOLCLORE

CABOVERDEANO

A nossa cultura

A nossa gente

A nossa lingua

**EM JEITO DE HOMENAGEM A
RODRIGO PERES**

Efectuou-se no passado mês de Outubro, no "Ideal Club" em East Bridgewater uma noite de Mornas, ou melhor dito, um sarau cultural em homenagem a Rodrigo Peres, poeta e compositor Bravense.

"Ideal Club" esteve realmente cheio de amigos, conhecidos e curiosos que de algum modo quiseram testemunhar com a sua presença o reconhecimento por um dos seus mais populares e conhecidos compositores: Rodrigo Peres.

Músicos e violinistas bem conhecidos na Comunidade, abrilhantaram com a sua presença e interpretação a noite musical, gesto que significou a gratidão merecida ao poeta e compositor admirado por todos.

Registou-se com agrado a presença simpática do Cônsul de Cabo Verde, Alírio Silva que num interessante improviso dirigiu palavras de apreço ao Poeta homenageado, à Comunidade artística bravense, e, sobretudo à pequenina ilha que tanto inspira! e é musa para tão belas mornas!

Sala repleta, caras conhecidas, umas mais outras menos, mas em todas o sentimento era comum: homenagear com carinho um dos expoentes máximos da morna, essa canção que todos dizemos que é genuinamente nossa!

A apresentação da Festa esteve a cargo e bem de Joseph Andrade. Houve canja e outras especialidades da Terra. Claro que

no final não faltou o "pé-de-dança". Momentos altos, houve-os com abundância durante a festa. De entre muitos, salientamos: a leitura de alguns poemas satíricos de Rodrigo Peres que fizeram gargalhar a assistência; as palavras cheias de espírito, de jocosidade e também muito gentis do nosso Padre Pio que trouxe a sua benção particular a esta calorosa recepção.

Fernando Peres comovido, contente, e porque não? orgulhoso, falou de forma filial e amiga do pai e do poeta e agradeceu a presença dos convivas.

Da música que acompanhou a festa merece referência especial, a forma harmoniosa e sequenciada como ela se apresentou com Vuca ao violão, Chico Serra ao piano, Daniel à viola baixo, Ivo ao violino, Pedro Cunha e seu grupo de música tradicional, entre outros.

Nana cantou: "Perdê Rebocador" de Eugénio Tavares. João Maria Feijóo, Van para os amigos, interpretou de maneira particularmente agradável algumas mornas de Rodrigo Peres e de outros compositores bravenses.

Guardou-se, quase que propositadamente, para o fim a menção de dois momentos marcantes nesta homenagem a Rodrigo Peres: Um deles foi a apresentação em primeira audição da morna dedicada a Rodrigo Peres, interpretada por Walter Feijóo e composta (letra e música) por Vuca Pi-

nheiro, conhecido e apreciado intérprete de violão, especialmente no que toca à morna da Brava. Com isso quiz o autor da morna significar a homenagem e o reconhecimento da geração mais nova de compositores à geração mais velha que tem hoje representação merecida em Rodrigo Peres.

NOS POETA RODRIGO

Letra e música de
Vuca Pinheiro

I

Neba detado
Cumâ um paraíso
Altar florido
Di beleza sem igual

Torrão sagrado
Di luar e di sorriso
Berço querido
Dés poeta sem rival

II

Mudjer bonita
Sintado na cantero
Mostranu afêto
Di nós Djabraba em flor

(CONTINUA...)

Na serenata
Na praça o na Cutelo
Cretcheu na pêto
Curaçam pulsa di amor

CORO

És morna é
Um sentimento profundo
Dês nos Djabraba
Cu sodade di sê poeta
Nu bem cantal
Nu bem dal tudo nos carinho
Nu recebel braços aberto
Curaçam franco di amor

O outro momento foi quando Rodrigo Peres, em pessoa, declamou alguns poemas bravenses. Uns líricos, outros satíricos e explicou-os com ditos inteligentes e alguns maliciosos, (no tocante à sátira) mas que irradiaram alegria e juventude de espírito o que muito agradou o público presente que aplaudiu vivamente.

De parabens os organizadores da festa e a Direcção do "Ideal Club"!

Da obra de Rodrigo Peres vale a pena mencionar a recolha feita por Benvindo Leitão que organizou e prefaciou o livro: Lágrimas de Djabraba, 1978 Edições Nova Atlântida, com mornas e com sonetos que melhor ilustram a poesia do poeta e do compositor.

Com Benvindo Leitão tivemos uma breve conversa e ele explicou o porquê da publicação do livro. Por um lado, a merecida divulgação, que já se fazia sentir, da obra de R. Peres, por outro lado, "dar o seu ao seu dono" já que da obra escrita e cantada de Rodrigo Peres, "alguma já estava truncada, outra na lista de autores desconhecidos e muita estava a ser atribuída a diferentes autores". Em suma, a intenção última da publicação de Lágrimas de Djabraba, foi a de se evitar que se "extravissem" em termos de autoria as mornas de R. Peres. Daí a oportunidade e o mérito da recolha.

O poeta "confessa-se":

Rodrigo Peres disse-nos que a primeira composição que ele fez foi de conteúdo satírico (prefere não alongar porme-

nores. Há nomes envolvidos. Pode ferir susceptibilidades). Começa a escrever ainda bem jovem. No Porto, (Portugal) poemas de juventude, factos que lhe ocorriam na hora. Nasceu em Lisboa em 1918. O falar dele é de uma "juventude" contagiante.

... Conviveu com Eugénio Tavares? Não. Demasiada diferença de idades. Eugénio, muito mais velho, ele, uma criança na altura. Não lhe dava "confiança". Não houve influência em termos artísticos. Só que ele, R. Peres, lia e conhecia os poemas de Eugénio Tavares de quem foi sempre admirador ...

... "N crebo fora di marca" foi inspirado por uma jovem que a morte arrebatou bem cedo e que foi grande paixão do autor: Maria Madalena Azevedo Pinheiro. Isso

deixou marcas profundas na vida do poeta e possivelmente reflexos na sua obra.

Quem foi Maria Madalena A. Pinheiro na vida e obra do poeta? Grande paixão da juventude do poeta, morreu jovem (com que idade? de quê?) Musa inspiradora da maior parte dos versos do poeta ... a nossa curiosidade permanece insaciável. Recorremos ao livro Lágrimas de Djabraba de Benvindo Leitão, mas neste particular pouco nos adianta, apenas nos diz que na publicação: "incluimos também ... alguns sonetos que Rodrigo Peres fez por ocasião da morte da menina Maria Madalena A. Pinheiro, uma das admiradoras do poeta" p.9. Somos naturalmente convidados a ler os sonetos a ela dedicados. Um deles muito comovido, sob o título "Dor Magoa".

DOR MAGOA

Sofro e escrevo. Que mar de infelicidade
Banhou o meu destino na hora em que nasci
Se tinha de ser esta a minha mocidade
Porque ao vir à luz, meu Deus, eu não morri ?

Não sofreria a dor que meu peito hoje invade
Não sofreria a perca tão grande que perdi
Não me cobriria a alma o pranto da saudade
Vertido eternamente, ó meu amor, por ti.

Sim. Por ti, ó Lenadama, querida
Que até depois de morta és luz na minha vida
Este mar de saudade onde eu navegarei.

De olhos fitos no céu sempre procurando
A tua doce imagem, ou então recordando
Os poucos momentos que junto a ti passei.

Ficamos a imaginar a dor do poeta, mas ao mesmo tempo somos tentados a recriar esta ardente paixão entre dois jovens num ambiente pequeno e provavelmente bem austero e exigente com o comportamento feminino.

... A saída da Missa na Vila ... a passagem rápida do bilhete de umas para as

outras mãos ... o abrir "casual" de uma janela ... a troca de olhares ... o beijo furtivo, trocado sob pressão e emoção ... a serenata à luz do luar ... (que nos perdoe o poeta tamanha indiscrição!) tudo isso foi cenário que inspirou o poeta e de que resultou "N crebo fora di marca" morna que só tem paralelo com "Força de cretcheu" de

Eugénio Tavares.

'N CREBO FORA DE MARCA

'N crebo fora de marca
Bo ca 'l pode nem cudal:
Más tcheu que pranta cre agu
Más que comida cre sal.

'N crebo co mesmo ânsia
Que cego ta djobe luz
'N crebo cuma Maria
Creba sé doce Jesus.

'N crebo cuma Djabraba
Cre mornas de sé Tatai
'N crebo cuma um fidjo
Ta cre rapaz de sé mai.

'N crebo pa bo bem dam
Nés mundo felicidade
'N crebo cuma partida
Cre tristeza amá sodade.

'N crebo cuma poeta
Cre luz manso de luar
'N crebo cuma areia
Cre bejos fortes de mar.

'N crebo pa tudo sempre
Só morte al fazem dixabo
'N crebo doce rainha
Dés alma eterno scrabo.

É interessante verificar-se que a obra artística e seja sob que forma ela se apresenta, escultura, pintura, música, poesia, etc, etc, conhece três fases fundamentais na sua arquitectura: Na primeira fase ela é colectiva. O autor vai ao intertexto dos outros, de autores, de factos momentâneos, de ícones, da vivência colectiva, em suma, apossa-se daquilo que é pertença de todos e dele também para depois lhe dar uma configuração pessoalíssima. Eis a 2ª fase da criação artística. O estilo é individual, já há aquilo que é genericamente chamada de originalidade. Existe agora, e isto é fundamental para a 2ª fase: a marca do autor. Finalmente, e na 3ª fase, a obra sai das mãos do autor e volta a ser pertença de todos para não mais deixar de ser, desde que o sujeito provocado pela obra provocadora com ela

se sinta identificado. É isso exactamente o que acontece com as mornas de R. Peres. Quem não se reconhece, de algum modo, sujeito activo ou passivo, quando escuta: "'N crebo fora di marca"?

ONDINA FERREIRA
Amherst, Nov. 89

**LEIA, ASSINE
E DIVULGUE
"FAROL"**

THE CHALLENGE AHEAD

Although Bilingual Education has been practiced in Massachusetts's schools for almost twenty years it has never been fully understood by many of the teachers who work within the bilingual classrooms nor the school administrators in whose schools the programs operate. This clear lack of understanding by bilingual teachers and administrators leave both groups defenseless and at a strategic disadvantage whenever they must defend the program against the ever-increasing anti-bilingual forces.

Bilingual teachers will tell you that the programs are necessary in order to prepare non-English speaking students to compete within the schools and in the American society, but will not know why they were hired to teach in the native language. Administrators will say that they must have bilingual programs within their schools because they are mandated by law, and they too will not know the real reason for hiring native speaking teachers. As a result, the general public does not know why native speakers are hired to teach in their public schools. Is it any wonder we are continually under attack to end

bilingual programs?

If you believe in what you are doing and are prepared to defend your beliefs, then you must prepare yourself. Not with emotion and subjective reasoning, but with factual data, and the laws and regulations as they are written.

In this brief writing I will not reveal the reason why native speakers are used in bilingual programs. I will, however, challenge you, the reader, to seek your own answers. For in doing so, perhaps you will take the first step in preparing yourself for the even greater challenges ahead: those of giving school districts the right to choose the type of bilingual program they would like to have for their district, and the even greater challenge of the repeal of bilingual education within the State of Massachusetts. Both of these latter issues will require well-informed and dedicated individuals to confront them. If, however, you choose to remain complacent and trusting in the good of your fellow man to do the right thing, just remember where you were before you began working in bilingual education.

BENJAMIN SILVA, Jr.
*Director of Bilingual Education
Brockton Public Schools*

MY IMAGINATION

In my imagination

Everything seems right ...
Everything looks right ...
Everything is right ...

In a quiet place of my mind

There you are ...
Exuberant and calm resemblance,
Tempting, yet gentle and sweet
Like only you know how ...
The juvenile breeze of your eyes
Peace of mind
Of my mind ...

In my imagination

Everything fits ...

The first kiss we never had

In a perfect sequence of scenarios ...
Precise movements ... few words ...
Right words ... perfect fit ...

The first moment of love,

The uncertainty of the first impressions,
The wonderful feeling of surrender,
The fulfillment of that moment,
Everything fits ...

In my imagination

The untold comes out so beautiful
With powerful and appropriate words
In a frame where the picture proclaims
Truthfulness ...
Understanding ...
Happiness ...
Tenderness ...

In my imagination

Everything falls into place ...
Everything gets resumed like magic
Because in my imagination
There is no fear ... no anger ...
No jealousy ... no untruthful feelings

My God !

Why do we torture ourselves ? ...
Why do we have to live in a world
Where misunderstanding transcends
Any reasonable standard ?
Why the sharp weapons ?
Why crowd our world with prisons
Instead of schools and love ?
Why the oppression ?
Why the despotism ?
Why the tyranny ?
Why ? ...
Why ? ...
Why ? ...

If I am too demanding,

If I want too much
For my world ...
For Your world ...
For our world ...
Please forgive me !...

But,

This is my imagination ...
Where everything seems right ...
Where everything looks right ...
Where everything is right ...

VUCA PINHEIRO

ENTREVISTA COM RODRIGO PERES

por **ONDINA FERREIRA**

“Farol” não quis deixar passar esta oportunidade para uma conversa com Rodrigo Peres. A ela acedeu o poeta de forma afável e bem cordial que nos tocou.

Farol - Lembra-se da sua primeira composição? Rodrigo Peres - Lembro-me, mas não é muito agradável falar sobre isso...

F. - Porquê? alguma má recordação?

R.P. - Sim, de certa forma. Era uma sátira dirigida a um senhor da Brava e há famílias e há lembranças ... bem, não dá para falar nisso. Pode ferir susceptibilidades.

F. - Bem, então vamos falar das suas composições de Amor, pode ser? O que mais o inspirou? O AMOR, Cretcheu? Partida? Estava ausente? na Brava? Quando começou realmente a fazer mornas?

R.P. - Bom, a minha primeira morna suponho que foi uma morna dedicada à uma moça de quem eu gostava na altura ... e que gostava de outro.

F. - Amores trocados? **R.P.** - Era. foi a minha primeira morna. Era um choro. Era uma lágrima. Era uma dor apenas.

F. - E esta morna está cantada? é conhecida?

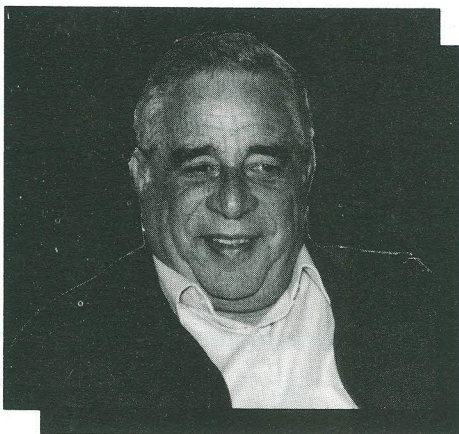
R.P. - Não, não é conhecida porque infe-

lizmente quem fez a música fui eu. Os meus amigos, alguns, os mais chegados, conhecem-na. Mas não está divulgada, nem mesmo na Brava ...

F. - Escreveu os poemas já a pensar na música ou sem essa intenção de ligar as letras à melodia? Por outras palavras, já pensava na morna quando escrevia o poema?

R.P. - Eu não comecei por escrever mornas. Quando era estudante já gostava de poetar. Fazia poemas, claro, sem grande importância ... fazia-os para mim. Gostava de escrever. Motivos de inspiração não faltavam. Era muito novo ainda. Vivia no Porto na época. Só quando fui à Brava então é que veio mesmo a ideia de escrever algumas mornas.

F. - Como aparecem os seus compositores? José Medina por exemplo, como se liga a



ele para fazer as músicas para algumas das suas mornas?

R.P. - Éramos amigos. Davamo-nos muito bem. Eu visitava-o amiúde, ou melhor ia mesmo à casa dele. Quando lhe mostrava os versos ele dizia-me logo: “eu faço a música”. Era sempre assim que sucedia. Aliás, isso não aconteceu apenas com uma morna, muitas outras mornas foram por ele musicadas. Houve uma ocasião em que ele me sugeriu: “Olha tu vais fazer uns versos assim, assim (ele deu-me o mote) e eu faço a música”. Lembro-me que a morna que a gente fez era dedicada a umas pequenas que deixavam a Brava, iam para Lisboa e a

morna era para ser tocada no Baile dos Paços do Concelho, na Câmara, na véspera da partida delas. Assim fizemos. A morna até foi cantada pelos filhos do José Medina.

F. - Sabe que a sua morna “‘N crebo fora di marca” é considerada um dos pontos altos da lírica cabo-verdiana cantada. Quem foi a inspiradora? Pode-se saber? Essa paixão realizou-se ou foi só em termos ideais?

R.P. - Não, não se realizou. Quero eu dizer, realizou-se até um certo ponto. Essa pequena morreu muito nova.

F. - Será ela a mesma para quem dirige muitos dos seus sonetos? Maria Madalena A. Pinheiro?

R.P. - É, é ela mesmo. (Aqui ficamos na dúvida se levantamos um pouco mais o “véu” sobre o assunto, mas optamos por outra questão já que o tempo de que dispunhamos era limitado, pois estavam à espera do poeta para se dar início à Festa de Homenagem.)

F. - Rodrigo Peres é muito mais jovem do que a geração de Eugénio Tavares. Chegou a conviver com ele?

R.P. - Conheci-o, mas eu era criança e ele (na altura adulto e famoso já) nao me dava assim muita “importância”, o que era natural devida à diferença de idades.

F. - ... Portanto nunca chegou a haver contacto directo nem orientação artística?

R.P. - Não, nada disso. Como lhe disse eu era criança ainda. É certo que já gostava muito de ler os livros dele e das mornas dele.

F. - Ainda uma questão, antes de terminarmos, não há “última” composição, ainda continua a compor ...?

R.P. - Não. Desde que saí da Brava deixei de compor e de escrever completamente.

“Farol” agradece a Rodrigo Peres a amabilidade e a forma simpática e simples como respondeu às questões postas.

10 BASIC SPELLING RULES IN ENGLISH

RULE 1 - ss, ff, ll

One syllable words ending in s, f or l after one vowel usually end in ss, ff, ll.

RULE 2 - DOUBLING RULE (cvc)

One syllable words ending in one consonant after one vowel double the final consonant before adding a suffix beginning with a vowel, but do not double it if the suffix begins with a consonant.

Sad - Sadder - Saddest

RULE 3 - SILENT "e" (ADDING A SUFFIX)

When words end in silent "e", drop the "e" before adding a suffix beginning with a vowel, but keep the "e" before adding a suffix beginning with a consonant.

Like - Liking - Likeness

RULE 4 - ADDING A SUFFIX TO A WORD ENDING IN "y"

A word ending in "y" after a vowel, keep the "y" when adding a suffix.

Pray - Prayer - Praying.

A word ending in "y" after a consonant change the "y" to "i" before adding a suffix except when the suffix begins with "i".

Try - Tried - Trying

RULE 5 - PLURALS

Usually add "s".

Hat - Hats

RULE 6 - PLURALS OF NOUNS ENDING IN s, x, z, sh, ch

Add "es" to the word. Dress - Dresses, Rich - Riches, Ax - Axes

RULE 7 - PLURALS OF WORDS ENDING IN "y" WITH A VOWEL BEFORE THE "y"

Add "s" to the word. Words ending in "y" after a consonant, change the "y" to "i" and add "es".

Lady - Ladies

RULE 8 - PLURALS OF NOUNS END-

"Quantas vezes você já se deparou com situações em que precisa escrever uma carta em inglês, e, por um motivo ou outro, algumas dúvidas surgiram quanto ao "spelling" da língua inglesa. Aqui vai uma pequena ajuda..."

ING IN "F" OR "fe"

Change "f" or "fe" to "v" and add "es".
elf - elves

RULE 9 - POSSESSIVE

Single nouns form the possessive by adding "s" whether the single noun ends in "s" or another letter. Baby - Baby's Hostess - Hostess's

To form the possessive of plural nouns add only an "' if the plural ends in "s".

Dogs - Dogs' Girls - Girls'

To form a possessive form of a plural noun that does not end in "s", you add "'s".

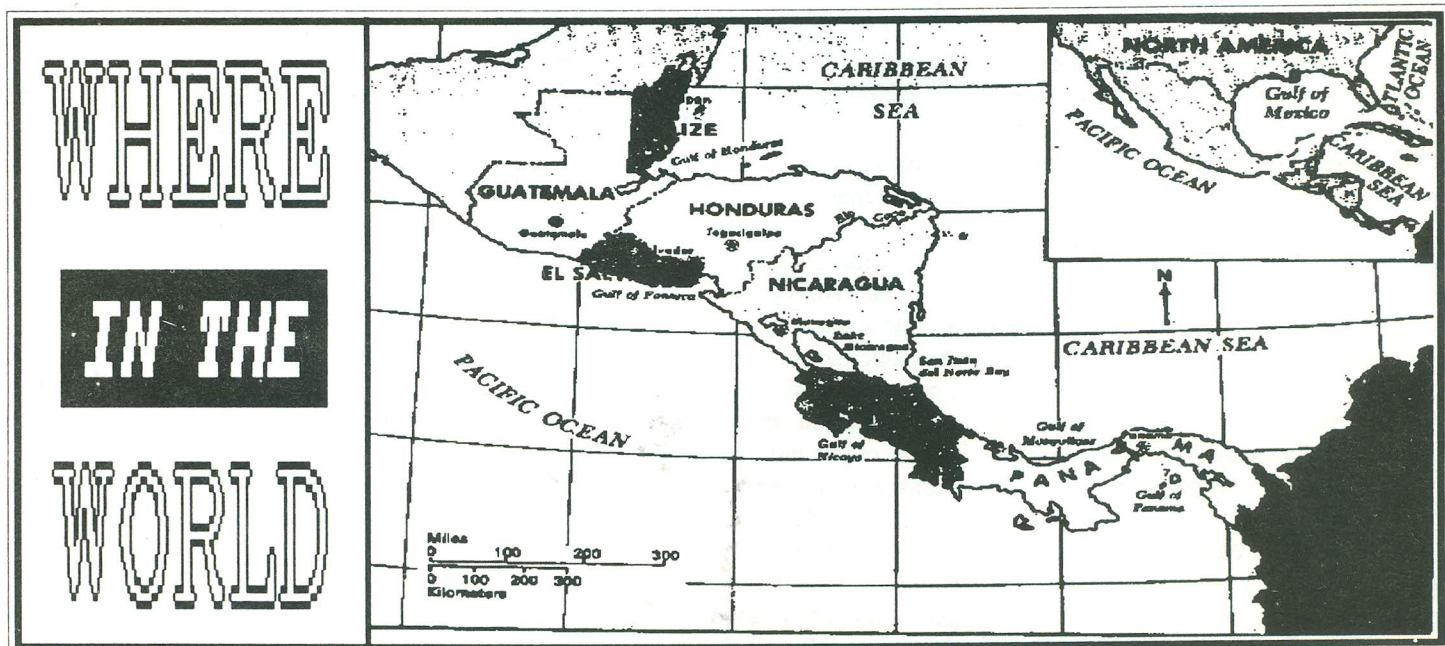
Women - Women's children - children's

The possessive form of a personal pronoun does not require an apostrophe.

Their His

RULE 10 - THE SUFFIX "ful" DIFFERS IN SPELLING FROM THE WORD "full". THE SUFFIX HAS ONLY ONE "l".

Playful Peaceful Lawful



O MUNDO EM NOTÍCIAS

DE CABO VERDE

Cabo Verde ultrapassou a si mesmo recebendo o Papa Joao Paulo II com um entusiasmo incrível e uma preparação primorosa. Igreja, Governo e Povo trabalharam em harmonioso desafio. Os dias 25 e 26 de Janeiro ficarão gravados na história e no coração de todos.

“OS TUBARÕES” celebraram o XXI aniversário de sua criação com uma exibição no Domingo 18 do passado mês de Fevereiro num palco erigido na Praia da Gamboa. Para além do conjunto organizador participaram no espectáculo agrupamentos musicais de Santiago, Sal e Guiné e artistas vindos do estrangeiro.

Chegaram a Cabo Verde mais dois Capuchinhos italianos para colaborar com a Igreja local no trabalho apostólico a favor do Povo Caboverdeano. São o Padre Pier Aldo e o Irmão Silvino. O Padre Pier Aldo já se encontra no Porto Novo de Santo Antão enquanto o Irmão Silvino estuda a possibilidade de por a sua especialidade em mecânica ao serviço de Cabo Verde.

O Conselho Nacional do PAICV decidiu recomendar aos órgãos competentes do Estado a alteração da Lei Eleitoral para a Assembleia Nacional Popular, de modo a permitir que nas próximas eleições legislativas, a serem realizadas em Dezembro do corrente ano, além do PAICV, grupos de cidadãos possam apresentar listas de candidatos. Isso abre finalmente as portas a todos os Caboverdeanos para o desenvolvimento do próprio País numa autêntica democracia.

DAS NOSSAS COMUNIDADES

Intensa foi a participação dos emigrantes

Caboverdeanos nos Estados Unidos no histórico evento da visita do Papa a Cabo Verde. Através dos Padres Capuchinhos e das Irmãs Franciscanas da St. Francis House foram recolhidos cerca de 7 mil dólares que foram enviados ao Bispo de Cabo Verde. Foi preparada uma grande bandeira papal, oferta da Senhora Maria Alice Barrois de Dorchester e das Irmãs Fanduca e Lulú. Foram também enviados centenas de metros de fazenda amarela e branca e 1300 lindos posters do Papa, oferta de Francisco Joaquim Leitão presidente da Copy Masters de Taunton e muitos outros artigos. A participação espiritual foi vivíssima.

Parabéns à CABO VIDEO e ao seu redactor Valdir Alves pelas três transmissões referentes à visita. Espera-se que haja repetição incluindo a filmagem da passagem do Papa em S. Vicente.

O Sr. Adalberto Teixeira trabalha já há bastante tempo como elemento de “liaison” entre o Mayor Raymond Flynn e a nossa Comunidade. É um trabalho às vezes duro e ingrato mas de grande benefício para nós e que o Adalberto desempenha com inteligência e amor. Parabéns e obrigado.

Na celebração da Semana do Imigrante, que a Arquidiocese de Boston organiza todos os anos na segunda semana de Janeiro, houve muita participação da nossa Comunidade. Na celebração da Missa difundida pela televisão estavam presentes José Maria Barros com mais 6 Caboverdeanos e outros imigrantes. Na parte de tarde de Domingo 14 uma numerosa delegação caboverdeana esteve presente na Catedral na cerimónia presidida pelo Cardeal Law.

KEVIN BRITO é o nome do pequeno caboverdeano de 3 anos chegado da Praia em Setembro, acompanhado pela mãe, doen-

te de cancro. Internado no Massachusetts General Hospital, foi tratado imediatamente melhorando bastante. A nossa Comunidade muito fez por ele e continuará a fazer.

Padre ANTONIO GERBAZ, por longos anos apóstolo da Cova Figueira no Fogo, regressou à Itália por motivos de saúde.

NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA

Carlos Feijóo Pereira, Cajuca, artista, autor das capas do FAROL e de diversos outros trabalhos de grande envergadura, uniu-se em matrimónio à menina Clotilde Andrade na tarde do dia 10 de Março. O FAROL lhes deseja todas as felicidades rogando a Deus uma chuva de bençãos portadoras de paz, amor e alegria.

DO MUNDO

O vento da libertação e renovação nascido no Leste na segunda metade de 1989, continua a soprar neste início de 1990:

A queda do “Muro de Berlim” deu uma sacudida nos regimes comunistas do chamado Socialismo Real que se aguentava na já agonizante ideologia marxista, bem como nos regimes racistas e alguns dos regimes dictatoriais.

Alguns países do Leste aboliram o monopólio comunista e o marxismo: Polónia, Checoslováquia, Hungria, etc.

Também três países africanos de expressão portuguesa seguiram o exemplo dos irmãos do Leste e são: São Tomé, Moçambique e Angola. Deus queira que o mundo se encaminhe para um rumo novo sem regressar a um capitalismo igualmente dictatorial.

REVISTA "FAROL"
10 MAGAZINE STREET
ROXBURY, MASSACHUSETTS 02119

NON PROFIT ORG.
U.S. POSTAGE
PAID
BOSTON, MASS.
PERMIT N°50221

Para fazer assinatura da revista "FAROL", preencha o quadro abaixo (faça uma fotocópia para não estragar a revista) e envie para:

REVISTA "FAROL"
10 Magazine St
Roxbury, MA 02119

NAME: _____

ADDRESS: _____

CITY: _____ STATE: _____ ZIP CODE: _____

SUBSCRIPTION TYPE: _____

Os cheques (com a quantia correspondente à assinatura desejada) deverão ser preenchidos a favor da
"REVISTA FAROL"